

INFLAÇÃO

INFORME SETORIAL

Por que Biden não contém a inflação?

WASHINGTON POST

Fareed Zakaria

Joe Biden afirma que combater a inflação é sua “principal prioridade doméstica”. Mas ele não está agindo nesse sentido. Biden tem diante de si várias medidas que reduziriam a inflação, mas parece hesitante em acioná-las. Conforme muitos economistas notaram, a aniquilação da maioria das tarifas de Donald Trump – ou de todas – seria a maneira mais eficaz de reduzir a inflação.

Para lembrar, uma tarifa é um imposto sobre mercadorias, pago pelo consumidor americano que compra essas mercadorias, que por definição provoca inflação, aumentando preços de produtos como carros importados.

Mas as tarifas geram ainda mais inflação, porque elevam os preços dos produtos similares fabricados domesticamente. Se um Mazda é vendido a um preço maior, a Ford e a General Motors também tendem a aumentar os preços de seus carros.

A lógica reversa também se aplica. Se eliminamos as tarifas, isso também surte um efeito mais amplo: quando o Mazda ficar mais barato, a Ford e a GM baixarão os preços para permanecer competitivas.

Em março, o Instituto Peterson para Economia Internacional publicou um estudo estimando que a reversão da maioria das tarifas de Trump reduziria a inflação em 1,3%. Lawrence Summers, colunista do Post, que foi premonitório em relação a muitos aspectos desta crise econômica, ratificou esse estudo, concordando que a redução da barreira comercial é “de longe” a melhor medida microeconômica a ser adotada para aliviar a inflação no curto prazo.

A segunda medida mais importante, notou ele, seria uma reforma imigratória. Este é o momento de reverter mais restrições de imigração aplicadas por Trump, muitas delas feitas por meio de atos executivos e centenas das quais ainda em vigor, que provocaram severa escassez de mão de obra em setores como agricultura, construção e assistência de saúde.

O problema, no entanto, não tem relação com fatos ou lógica. Ninguém discorda da verdade desses argumentos. Durante a campanha, Biden fustigou as tarifas de Trump sobre os produtos fabricados na China e grande parte de sua política imigratória.

Mas, depois que assumiu a Casa Branca, Biden se comportou em relação a esses temas como um cervo flagrado por holofotes de caçadores – paralisado pelo medo de que qualquer mudança maior possa virar alvo de ataques dos republicanos.

Essa posição defensiva não é visível apenas na política econômica, transparece também na política externa. Biden fez campanha dizendo que Trump era uma aberração perigosa na política americana, que as políticas dele se afastavam do mainstream, afirmando que levaria o país de volta à normalidade. Imaginem se Biden, em sua primeira semana na presidência, tivesse feito justamente isso, revertendo um grande número de políticas de Trump – pondo fim às guerras tarifárias, recolocando os EUA no pacto nuclear do Irã e restabelecendo a relação com Cuba.

Em vez disso, quase um ano e meio depois do início do governo Biden, ainda estamos vivendo no mundo de Trump em relação a uma série de temas. Biden poderia ter pagado um pequeno preço político inicialmente, e isso teria vida curta, e nós teríamos colhido os frutos de políticas mais sensatas pelo restante de seu mandato.

O Partido Democrata depreendeu lições equivocadas da apertada vitória de Trump em 2016. Os democratas acreditam que a única maneira de atrair eleitores brancos da classe trabalhadora é adotar uma série de políticas com leves toques trumpistas – principalmente protecionistas e mercantilistas.

Mas os eleitores de Trump são motivados por questões culturais: ouçam o que dizem Ron Desantis, JD Vance, Mehmet Oz e outros, criticando a cultura do cancelamento, identidade de gênero, corporações lacradoras e agora o aborto.

Nesse campo, os democratas precisam ouvir mais e ajustar sua retórica e suas ações. Na economia, os eleitores estão em busca de resultados – alguns dos quais Biden poderia facilmente entregar reduzindo tarifas e aliviando certas restrições migratórias.

A inflação castiga principalmente os pobres e a classe média baixa, pois eles gastam uma fatia muito maior de seus ganhos em itens como alimentos e roupas – artigos que ficam mais baratos graças ao comércio global.

Comprar coisas baratas no Walmart é uma dádiva muito maior para um cidadão que ganha US\$ 30 mil por ano do que para quem ganha US\$ 300 mil. No Reino Unido, a maior inflação em 40 anos – causada principalmente pelo Brexit – está surtindo um efeito adverso sobre grupos de baixa renda. Similarmente, estudos mostram que tarifas surtem também um efeito regressivo, castigando os pobres mais que os ricos.

A sabedoria convencional nos EUA diz que décadas de livre-comércio levaram a uma estagnação nos salários da classe média e empobreceram a classe trabalhadora. Essa visão exclui, convenientemente, os benefícios em massa das reduções nos preços de elementos cruciais da vida, como alimentos, roupas e tecnologia. Estamos testemunhando o que acontece quando os ventos da economia sopram na direção oposta e os preços entram numa espiral ascendente. Isso pode nos deixar com alguma saudade da globalização.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 461 – Em 24 de maio de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.